

Pandemia e Civilização: Reflexões sobre a Religiosidade Latente dos Contágios

Pandemics and Civilization: Reflections on the Latent Religiosity of Contagia

MAURÍCIO G. RIGHI*

Abstract

From an anthropological point of view, when linked to a formative process perspective, an all-encompassing and even critical crisis in the field of public health can, nevertheless, revive core religious issues, even though it later becomes restricted (or not) to a figurative scope. What is most impressive, however, is the realization of how, in our current pandemic crisis, a worldwide one, derived from the SARS-CoV-2 virus, public health issues, strictly medical in their core, have been irreparably immersed in a much more complex and wide social sphere, something that mimetic theory would have anticipated. Suddenly, as if by magic, a virus outbreak turned into an international crisis of economic, political, and cultural magnitudes, with undeniable ethical repercussions. Faced with this increasingly unstable scenario, steadily undifferentiated, but, on the other hand, highly promising when it comes to the possible emergence of new social models, potentially detached from violence, we support in this article that mimetic theory continues to be a very useful

* Programa de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; doutoramento e pós-doutoramento em Ciência da Religião pela PUC-SP; <https://orcid.org/0000-0002-3070-3490>; maurighi@gmail.com.

sociological tool, in fact, an analytical resource for the assessment of social processes and an effective means to ponder new models for our current cultural life.

Keywords: Pandemic; Mimetic theory; Contagion; Scapegoat; Violence.

Resumo

De um ponto de vista antropológico, quando associado a processos formativos, uma crise abrangente e mesmo crítica no campo da saúde pública pode vivificar, não obstante, questões religiosas de base, ainda que, posteriormente, restrinja-se (ou não) ao âmbito figurativo. O aspecto notável, contudo, é a constatação de uma crise sanitária muito aguda, uma virose pandêmica proveniente do SARS-CoV-2, na qual questões primeiras de saúde pública, estritamente médicas de início, foram irremediavelmente mergulhadas numa esfera social e cultural muito maior e mais complexa, conforme antecipável pela teoria mimética. De repente, como num passe de mágica, um surto virótico transformou-se em crise internacional de ordem econômica, política e ideológico-cultural, com inegáveis desdobramentos éticos. Diante desse quadro crescentemente instável, mas, por outro lado, altamente esperançoso, no que se refere à possibilidade de adoção de novos modelos de vida social, potencialmente apartados de certa violência constitutiva, defendemos neste artigo que a teoria mimética pode ser muito proveitosa em nossos tempos, tanto como ferramenta analítica na compreensão dos processos sociais, mas também como meio eficaz para pensar a adoção de novos modelos culturais e econômicos.

Palavras-chave: Pandemia; Teoria mimética; Contágio; Bode expiatório; Violência.

1. Preparando o Terreno

Entre os benefícios que a teoria mimética nos oferece, a análise de dinâmicas e manifestações diversas associadas ao *contágio* compreende um de seus aspectos mais valiosos, sobretudo, ao considerarmos certas características próprias aos séculos XX e XXI, a este principalmente, em

razão de sua configuração altamente interligada, um século que nasceu interconectado pela comunicação digital, inapelavelmente uniformizado em seus desafios maiores, muito em razão de crises crescentemente comuns. Com efeito, a humanidade integrou-se em aspectos decisivos, e este nosso mundo, largamente enredado, parece nos encaminhar ao universal, aos desafios transnacionais de nossa casa comum, mas isso só pode desenvolver-se beneficentemente, creio, à luz de um entendimento ecológico orientado para o *local*, vocacionado ao regional, onde, de fato, vivem e trabalham a mulher e o homem comuns, na terra que aprenderam a amar, que têm o dever de cuidar, onde as abelhas polinizam e a terra é lavrada; o gado, tocado; e a uva, pisada, mas, no caso, todos hoje integrados com algo maior, em aberta comunhão com a incontornável universalidade do humano em sua dignidade inalienável, em seu fundamento máximo como ser social, fraterno e livre, enfim, em sua criaturalidade criativa, pois somos irmãos herdeiros deste mundo, caminhantes neste torrão de luta e aprendizado contínuos.

Precisamos aprender a repartir o pão. Essa questão ultrapassa os círculos do comércio, consumo e tecnologia, os quais habituaram-se a acumular recursos colossais para, sistematicamente, segregá-los da imensa maioria, expandindo-se livre e inconsequentemente por um mundo egoísta, rendido ao numerário e ao maquinário, afastado da beleza peregrina dos que se veem fraternalmente como iguais, um mundo apartado do sopro suave, que Elias soube ouvir e acolher, um mundo que concentra privilégios gigantescos nas mãos de dirigentes soberbos, faladores vulgares de suas proezas, narcisistas incorrigíveis, sequazes de Mamom, todos gostosamente satisfeitos com seus ganhos e corporações, com seus altos cargos, inflados por uma soberba antropofágica: são os escravos de apetites primários, arautos das loucuras herodianas.

Há muito que vivemos uma crise de Civilização, um desarranjo moral e espiritual em larguíssima escala, pois este mundo já adoecera, irremediavelmente, bem antes da pandemia do Covid-19.

Eis que surge, nesse cenário exigente de uma inegável «crise comum», a possibilidade de mudanças benéficas à maioria, mas isso se dá em

contexto de desequilíbrio, qual seja, na urgência de obrigações ambientais a nós inadiáveis, na reavaliação dos modelos econômicos, políticos e ambientais, cujos desajustes foram agora explicitados numa pandemia, cujas consequências mais duradouras ainda mal podemos avaliar, ainda que, em posse de algumas das categorias analíticas advindas da Teoria Mimética, possamos, creio, sugerir interpretações e respostas. Este artigo é um esforço nesse sentido.

2. Noções Básicas

A noção de contágio é central à teoria mimética, uma vez que o *fenômeno do contágio* lhe é implícito ou mesmo contíguo, e falamos de algo (objeto, ideia, símbolo, narrativa, ente, pessoa, ser vivo) que se espria a partir de um centro disseminador, irradiando-se sobre um meio qualquer, fenômeno contíguo à realidade social da *mimesis*, uma realidade «contagante», por meio da qual se dá uma reprodução incalculável de duplos em direção a «algo que atrai», como também a algo que «indica o que atrai», e falamos de modelos/mediadores, conforme intuído e depois sistematizado pelo autor francês René Girard¹.

Isso significa que os processos miméticos são constitutivamente *contagiosos*, fomentando imensas cadeias que se auto propagam por imitação, formando enredamentos potencialmente infinitos entre seres mimeticamente relacionados, pelos quais circulam, reproduzem-se e se modificam os mais diversos modelos. Ao dizer que o nosso desejo é mimético, absolutamente imitativo, pois dependente de um Outro, formado segundo o desejo de Outro(s), a teoria de Girard postula, concomitantemente, que esse desejo é relacional, que é socialmente condicionado e, conseqüentemente, criador de inúmeras identidades interligadas, todas mais ou menos codependentes². Em suma, trata-se de um modelo ecológico³. Nesse sentido, a própria história passa a ser vista como campo comum

¹ René Girard, *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (São Paulo: É Realizações, 2009).

² Girard, *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*.

³ James Alison, *O Pecado Original à Luz da Ressurreição: A Alegria de Descobrir-se Equivocado* (São Paulo: É Realizações, 2011).

de enredamentos miméticos potencialmente infinitos⁴. Ao fim e ao cabo, segundo os parâmetros da teoria mimética, nada existe isoladamente, pois o existente é invariavelmente dependente do meio que o antecipa, que o prefigura e que o condiciona. Enquanto *sapiens*, estamos todos interligados numa misteriosa e criativa rede relacional, uma rede de aprendizado e conflito.

Uma ilustração didática dessa realidade mimética, enquanto dinâmica própria, pode ser mostrada ou exemplificada na esfera da moda, modismo ou ainda «surto» de moda. De repente, a produção de um vestuário para o mercado, inicialmente baseada na identificação de uma demanda específica, como ocorreu com as calças *jeans*, espalha-se, vertiginosamente, por contágio mimético, alcançando espaços sociais muitíssimo mais abrangentes, num movimento praticamente irrefreável de alastramento, cujas consequências sociais, econômicas e culturais ultrapassam por completo o propósito original. Um imenso e recém criado segmento de consumo passa a desejar esse modelo de calças. Outrora um vestuário robusto, concebido para aguentar o trabalho pesado de setores produtivos específicos, o *jeans* se torna, por contágio mimético, um signo internacional da moda jovem, uma febre de consumo entre os jovens e, depois, entre os não tão jovens.

Mas, há bem mais por dizer sobre o assunto. Além dos objetos de consumo, a questão central ao contágio mimético é a sua atuação *formativa* no campo dos signos e valores, a saber, na esfera da representação, na ordem das sugestões invisíveis. É nesse *tópos*, nessa esfera das representações, intersubjetivas em suas dinâmicas, que realmente se decide o destino social/econômico de muitos objetos: as paixões que elegem e derrubam os ídolos humanos, esteio permanente de nossas patologias, em qualquer nível. Semelhante às viroses e outras doenças contagiosas, as quais nos afetam corpo e mente, a mimese, igualmente invisível, essencialmente contagiosa, afeta-nos as mentalidades e o corpo social,

⁴ Robert G. Hamerton-Kelly, *Violência Sagrada: Paulo e a Hermenêutica da Cruz* (São Paulo: É Realizações, 2011).

afetando-nos as escolhas, criando tendências em processos variados, formando, potencialmente, um *zeitgeist*⁵. Em si mesmo, em sentido ético, o contágio mimético não é bom nem ruim, pois é base do desejo humano, fundamentalmente ligada às formas de aprendizado e apropriação/construção cultural. Somos altamente miméticos, por isso aprendemos/absorvemos rapidamente tudo o que nos toca, conforme há muito notado por Aristóteles⁶.

Assim, tanto as formas culturais nocivas quanto as mais benignas são mimeticamente herdadas e transmitidas, enfatizando-nos a importância absoluta dos modelos que adotamos, sobretudo, seus fundamentos ocultos, geralmente soterrados, posteriormente embelezados e higienizados, não obstante, atuantes em seus propósitos originais. Somos irremediavelmente miméticos, o que nos torna, ao mesmo tempo, radicalmente culturais. O que nos diferencia, portanto, enquanto humanos e entes notadamente culturais, é a qualidade e durabilidade dos modelos que consagramos. Em épocas de crise, como a nossa, abrem-se oportunidades inéditas de reflexão sobre os modelos vigentes, sua adequação, razoabilidade e justiça. Por exemplo, no contexto específico da longa e sofrida história do povo hebreu, a descoberta do chamado «Deus verdadeiro», sua fixação definitiva na mentalidade profética, passou, necessariamente, por grandes catástrofes nacionais, por uma incontornável reavaliação autocrítica, que ergueu a consciência religiosa desse povo, via movimento profético, a níveis então desconhecidos. Portanto, em meio a situações de vulnerabilidade, ameaças e perdas constantes, somos obrigados a rever os modelos vigentes, outrora consagrados, reavaliando-os à luz de sua desarmonia e potencial periculosidade, percebendo-os como estruturas ou mentalidades falidas, cuja manutenção será potencialmente

⁵ René Girard, *Rematar Clausewitz: Além Da Guerra* (São Paulo: É Realizações, 2011).

⁶ Aristóteles, *Poética*, 1448b: «O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, ele é o mais imitador e, por imitação, aprende as primeiras noções) e os homens se comprazem no imitado.»

catastrófica, donde o sentido igualmente apocalíptico, isto é, revelador, da teoria mimética⁷.

3. Semeando Argumentos

Uma crise de ordem médica, uma crise na saúde, causada por uma epidemia virótica altamente contagiosa, vincula-se então, e por *contágio mimético*, às demais crises: ambiental, econômica, política, intelectual etc. Seria assim proveitoso, creio, pensar de que forma esses dois modos de contágio, inicialmente em paralelo, interpenetram-se; ou seja, além da semelhança estrutural, pensar em que medida um contágio pandêmico, ao afetar diretamente os mais diversos segmentos e atividades sociais, invadindo as cadeias produtivas e inúmeros setores da vida cultural e institucional, fomenta outras formas de contágio, mas agora, não mais exatamente biológicas, e sim culturais.

Teríamos a esfera biológica de contaminação, particularmente ligada às viroses e bacterioses; mas, por outro lado, teríamos a sua esfera social/cultural organicamente associada às cadeias miméticas. Entre ambas, estamos nós, os inúmeros agentes em operação, e falamos da própria sociedade ou sociedades com seus políticos, médicos, professores, economistas, tecnólogos, juristas, cientistas, burocratas, líderes espirituais, intelectuais, etc., os quais nem sempre dividem as mesmas ideias, princípios e, sobretudo, interesses, pelo contrário, e que, portanto, rivalizam propostas e competem terapêuticas, tanto no que se refere ao tratamento, uma questão ligada, em primeira instância, aos saberes e tecnologias das ciências médicas, quanto no que se refere à boa condução/gestão das ações necessárias aos segmentos mais afetados pela doença, esfera ligada às políticas públicas e ações coletivas de auxílio emergencial.

À medida que a virose pandêmica se intensifica, interferindo sobretudo no desempenho econômico de sociedades mundialmente afetadas, mais essa pandemia assume os contornos de uma crise de paradigmas,

⁷ Robert G. Hamerton-Kelly (org.), *Política & Apocalipse: Estudos em Violência, Mimese e Cultura*, (São Paulo: É Realizações, 2019).

uma crise civilizacional⁸, agravando deficiências crônicas e expondo, para muito além do razoável, a vulnerabilidade absolutamente crítica dos setores economicamente mais frágeis, repasto perfeito para a ação de políticos demagogos em posse de projetos autoritários. Nesse contexto, despontam frentes antagônicas de combate, campos que se entrecrocaram e que passam a rivalizar metodologias de tratamento e cura, e que, no fim, entram em combate acirrado no plano narrativo, na troca de acusações mútuas. Trata-se de uma luta por modelos macro, uma luta de Titãs. Antes de decidir qual lado desta crescente contenda nos oferece modelos mais humanos e justos, solidários e inclusivos, é preciso que se note a inegável interpenetração do cultural no natural, a integração de uma esfera de contágio na outra, precipitando, em nossa crise pandêmica, a urgência de uma visão realmente ecológica do humano e sua Sociedade, enfatizando-se nossa dependência estrutural diante do meio em que residimos, «esta nossa casa comum»⁹.

4. Evitando as «Pragas»

Sugerimos um processo de renovação por meio de uma crise abrangente, em cujo desenrolar surgem possibilidades de adoção de novos modelos, mas não sem o concomitante surgimento e recrudescimento de movimentos políticos violentamente acusatórios, movimentos reativos, nos quais se criam narrativas difamatórias, invariavelmente carregadas de desinformação e incentivos à sabotagem. O objetivo é claro: os «negacionistas» buscam prejudicar, ao máximo, a legitimidade dos organismos tradicionais de gestão e controle sanitários, difamando as políticas públicas de isolamento e os esforços de contenção. Quase que invariavelmente, esses movimentos se justificam nos prejuízos econômicos causados pelas políticas tradicionais de isolamento, jogando o inevitável ônus

⁸ «Uma pandemia é tão biológica quanto social. Portanto, quanto mais globalizada, ou seja, mais ampla e interconectada for uma população, mais sujeita estará a episódios de pandemia», João Décio Passos, *Por Dentro da Pandemia: Deus e Nossas Dores* (São Paulo: Paulinas, 2020), 24.

⁹ Papa Francisco, *Carta Encíclica «Laudato Si' – Louvado Sejas»* (São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2015).

econômico, certamente impopular, nos ombros de políticos e grupos ideologicamente não-alinhados aos seus propósitos. Busca-se impor o máximo prejuízo moral aos organismos de controle sanitário, desmerecendo-lhes as estratégias de contenção, questionando-lhes legitimidade e idoneidade, impondo-lhes um ônus ininterrupto sobre a eficácia, eficiência e integridade das políticas adotadas. Nessa abordagem de «guerra cultural», promovida, sobretudo, nas chamadas mídias sociais, quase não há espaço para a solidariedade, num esforço comum (e necessário) de aprendizado e desenvolvimento conjunto de modos de tratamento e cura.

Todavia, é preciso ressaltar que não afirmamos uma luta clara e distinta do bem contra o mal, como se um lado se equivocasse por completo, enquanto o outro, senhor da razão, conhecesse a verdade. Seria bom dizer, creio, que os negacionistas e seus agentes expuseram (para o mundo) certo desgaste moral e, conseqüentemente, representativo das agências internacionais de controle e auxílio, um desgaste que souberam explorar, enfatizando o poder excessivo de uma burocracia internacional indiferente e distante, estruturalmente associada a decisões unilaterais entre estados e grandes corporações, largamente alheias às especificidades e dramas locais, onde de fato vivem e trabalham as pessoas¹⁰. Ademais, uma vida social salutar e democrática pressupõe acordos, arranjos e concessões recorrentes entre grupos e segmentos que divergem em relação ao que se entende por «prioridades». Num mundo em que a democracia se tornou valor absoluto, predicado primeiro da vida social, os negacionistas também aprenderam a exigir o seu quinhão.

Considerando a sua envergadura excepcional, essa crise parece realmente suscitar um embate acirrado entre modelos colossais, modelos sistêmicos distintos. Os alinhamentos divergentes ainda estão tomando forma, e não é possível delinear-los em nenhum dos lados, a fim de saber quais seriam, concretamente, os novos modelos sistêmicos; o mais

¹⁰ Roger Scruton, *Filosofia Verde – Como Pensar Seriamente o Planeta* (São Paulo: É Realizações, 2016).

significativo, não obstante, é perceber a questão como realidade urgente, *ecológica* e incontornável: a crise pandêmica se tornou – a todos – uma crise, igualmente, sanitária, política, ética, ambiental e econômica. O que fazer? Com efeito, o contágio virótico tornou-se uma crise «entre os deuses», cuja profundidade e extensão impõe questionamentos profundos aos nossos modelos sacralizados.

Isso se deu conforme o grau de devastação foi se ampliando, atingindo países inteiros, ameaçando os mais variados segmentos sociais, sobretudo o econômico, instalando uma crise de frentes múltiplas, uma «peste-madrinha», que convida pragas sucessivas para que desfilem num cortejo trágico (e não nos esqueçamos de que atravessamos, agora, uma segunda e mais aguda fase de contágio). À medida que essa crise se aprofunda, afetando os mais diversos segmentos da vida das pessoas (econômico, psicológico, educacional, físico, etc.), a luta entre agentes ideologicamente polarizados, uma luta sobretudo política e ética, sobrepõe-se como luta primeira.

5. Os Fertilizantes da Teoria Mimética

Com efeito, nesse contexto ampliado de crise, não obstante real, o contágio mimético torna-se, e de modo absolutamente claro, metonímia da pandemia virótica, disparando outro tipo de contágio, potencialmente ainda mais perigoso, o chamado *escândalo*, *o fascínio pelo rival*, um termo bíblico sumamente preciso para identificar o acirramento de ciclos acusatórios entre rivais, sua aglutinação em sequências sucessivamente maiores, até o seu inevitável desfecho sacrificial. Trata-se de uma dinâmica que pode gerar quadros extremos de desordem social e ruptura institucional, como de fato ocorreu na Palestina, notadamente, entre os anos 65 e 70 EC.

Nesse cenário, em parte já presente nesta crise, escancarado em acusações progressivamente grosseiras e violentas, percebe-se uma pressão diária pela criação de bodes expiatórios (imaginários ou reais, próximos ou distantes), cuja função primeira seria aliviar a enorme pressão, socialmente experimentada, em ambientes saturados de frustração e violências

intestinas. Em regiões pobres e institucionalmente frágeis, em regiões especialmente vulneráveis do ponto de vista econômico e ideológico, isso pode se tornar realmente crítico, momento em que o político demagogo, porém carismático, temporariamente «popular», poderá atuar com decisão felina, colhendo frutos preciosos, ainda que podres, para a manutenção de seu poder, sugerindo bodes expiatórios sob medida. Estamos falando, por enquanto, de vítimas narrativas (pessoa, instituição, ideologia), cujo poder de retaliação é baixo ou mesmo baixíssimo, mas que, ao mesmo tempo, tem inserção real no contexto social.

Os bodes serão criados a partir de modelos institucionais distantes (leia-se, com baixíssima capacidade de retaliação real), mas suficientemente poderosos e historicamente atuantes (leia-se, facilmente inseríveis em esquemas conspiratórios factíveis), sob os quais será sugerida uma hierarquia de representantes verossímeis: dos mais distantes aos locais, e é exatamente neste, no nível local, que candidatos involuntários a bodes expiatórios podem reagir com firmeza para desmascarar seus acusadores. É por esse motivo que um acusador experiente sempre preferirá dirigir suas acusações contra grandes organizações internacionais, corporações e regimes estrangeiros (países específicos, sobretudo, potências), cuja associação com as pessoas comuns é praticamente inexistente, deixando, em aberto, um espaço enorme às mais disparatadas conjecturas e ilações. No caso, todos os crimes podem ser creditados na conta desse «grande inimigo» e seus seguidores voluntários e involuntários, o esquema básico de boa parte das teorias conspiratórias. Vimos isso ocorrer em profusão, durante a Guerra Fria. Esses subterfúgios ressurgem, hoje, com nova roupagem tecnológica, a mídia digital.

Sob a ação militante dessas forças reativas, visivelmente persecutórias, a busca científica por tratamento, imunização e cura, uma empreitada necessariamente lenta, copiosa em seus detalhes, em suas complexidades, segmentada em fases de desenvolvimento e teste, é atravessada por demandas inexequíveis, por ameaças persecutórias de bandos mobilizados, os quais exigem uma solução imediata, contaminando o ambiente científico e as agências públicas de saúde. Caso esse processo persecutório,

largamente paranoico, contamine amplos segmentos de uma sociedade qualquer, caso não haja esclarecimento suficiente por parte das autoridades públicas e das elites intelectuais e espirituais, uma aglomeração de escândalos sucessivos poderá sim despedaçar a coesão do tecido social, e o ciclo expiatório fechar-se-á em sua lógica primária de expurgos violentos: uma crise sacrificial surgirá em todo o seu vigor. Felizmente, as democracias ocidentais parecem ainda desfrutar de lastro institucional suficiente para conter tamanhos arroubos; porém, a experiência atualíssima da invasão do Congresso norte-americano por bandos de militantes, atiçados por um populista demagogo, negacionista, hábil manipulador de massas no universo televisivo e digital, é aviso mais do que suficiente, creio, sobre a fragilidade latente de nossas democracias parlamentares, ainda inseridas no enquadramento legal do estado de direito como defensor das convenções consagradas no compromisso com a verdade, com a integridade pública e com a paz social.

Nesse quadro potencialmente catastrófico de reação odiosa, maliciosamente manipulada por demagogos e psicopatas, visceralmente contrária à necessária solidariedade entre povos, sociedades e segmentos, no enfrentamento de uma crise mundial, o desejo incendiário de punir supostos culpados pela crise, uma caça às bruxas em sentido abrangente, pode sim se tornar mais importante do que o desenvolvimento de tratamentos; nesse cenário cataclísmico, a lógica da cura é traída, pois substituída pela da vingança. Não se trata mais de combater a doença, mas de vingar-se daqueles que, supostamente, a promoveram e disseminaram, perseguindo e punindo «culpados», seu modelo de sociedade, sua ideologia, seu regime político, sua religião, etc. Nesse quadro de agravamentos, a universalidade do saber médico será questionada, e veremos o surgimento da *medicina-política* do bloco «X», em que certos medicamentos e formas de tratamento serão associados a líderes específicos. Consolida-se a cosmovisão salvadora & libertadora do líder carismático, e a ciência servirá apenas de chancela ao presciente condutor da nação e seu partido.

Para o cientista da religião, como também para o teólogo e historiador da cultura, esse deslocamento ético, emocional e, sobretudo,

cognitivo pode ser facilmente descrito como um segundo mergulho no religioso, como revivescência forçada do sagrado violento, mas, agora, no sentido de adesões notada e deliberadamente sectárias, vinculadas a conjuntos simbólicos reativos, em que os novos deuses e suas mitologias específicas passam a controlar os processos de validação e negação de toda vida social. Sem o devido entendimento dessas categorias, tanto o observador comum quanto o analista dificilmente compreenderão as bases daquilo que se avalia, em setores mais equilibrados da mídia, como crescente onda de irracionalidade e insensatez, a contagiar alguns segmentos sociais sob a influência de certas lideranças. Nesse cenário a epidemia já se transformou em «crise entre modelos concorrentes», deixando-se assim invadir, contaminar, por núcleos diversos de insatisfação, ressentimento e desespero. O campo cosmológico está aberto, iniciando a batalha por novos modelos sistêmicos. O modelo vigente, agora mais e mais desnudado em seu desinteresse pelo bem comum, em seu radical egoísmo estrutural, em sua traição constitutiva contra a humanidade, passa a *revelar* dramas mais profundos e antigos, muito além da Covid-19. As elites se assombram frente à colossal e irrefreável onda que se forma¹¹, mas elas têm parte nesse drama.

Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência.¹²

¹¹ Papa Francisco, *Carta Encíclica «Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social»* (São Paulo: Paulus, 2020).

¹² Papa Francisco, *Carta Encíclica «Fratelli Tutti»*, 4.

6. O Campo do Religioso

Assemelhando-se ao sentido dado pelos apocalipses hebreus, temos hoje uma situação de crise cultural, sanitária, ambiental, econômica e política generalizada, cuja solução solicita uma reparação macro – mais correto seria dizer uma conversão universal, uma reorientação ético-cosmológica em larguíssima escala. Está claríssimo que nos tornamos os grandes predadores deste mundo, outrora um paraíso natural exuberante. Agredimos a terra, poluímos o ar, intoxicamos os mares, violamos os solos, massacramos sistematicamente espécies incontáveis de animais, que compartilhavam conosco esta casa comum; isso para não falar do que sempre fizemos, historicamente, com os nossos semelhantes militarmente mais vulneráveis, desde os primórdios. Não podemos mais nos comportar de forma tão abertamente predatória, pois já sabemos o suficiente, não poderemos mais alegar ignorância. Isso significa que os nossos modelos sistêmicos estão falidos ou em estado avançado de falência.

Não nomearemos quais seriam, especificamente, esses modelos em avançado estado de falência, pois sabemos que, uma vez anunciados, seus defensores ou simpatizantes exigiriam, imediatamente, a denúncia dos modelos concorrentes, alguns dos quais, de fato, ainda piores em seus resultados históricos, e entraríamos no clima típico de acusações recíprocas, do qual estamos nos esforçando (ou deveríamos nos esforçar) por sair.

Isso não significa, contudo, abstenção, como se fosse possível cercar-se de neutralidade em questões como essas. Não há aqui neutralidade ética ou política, o que há é um compromisso com uma inteligência que entende as mulheres e os homens como partícipes agraciados de uma jornada sublime, compreendendo que o campo da existência em que vivemos, este nosso mundo compartilhado, é parte insubstituível dessa jornada, como assinala Passos em *Por Dentro da Pandemia – Deus e Nossas Dores*, enfatizando que esta crise nos colocou, e nos termos ecológicos e sociais defendidos pelo papado de Francisco, a urgência de um «esforço renovado de gestão da casa comum, na emergência de uma consciência planetária, em que finalmente percebemos que estamos todos correndo

os mesmos riscos»¹³. Sim, é esse o desafio! Portanto, muito antes de denunciar este ou aquele «ismo», e não dizemos que não sejam denunciáveis, pelo contrário, propomos uma reavaliação de todos os sistemas presentes, à esquerda, à direita e ao centro. O modelo que nos guia aqui, nessa complexa reavaliação, é a doutrina social da Igreja, cujo diálogo interno com os Evangelhos, o mundo e a história é incessante.

Propomos então, conforme os pressupostos da teoria mimética, que o âmbito vinculado às disputas intersubjetivas incorpora, em seu centro religioso, em seu núcleo ordenador e atávico, a totalidade dos processos ligados à crise. Isso é absolutamente significativo aos termos da teoria mimética, postulando que a depender da escala e intensidade envolvidas numa desordem qualquer, mesmo que inicialmente biológica, seu contágio poderá vir a ser (e será) *religiosamente* processado pelas comunidades humanas, desde que alcance uma dimensão suficientemente grande e daí comece a ameaçar o equilíbrio natural dos setores ligados à política, economia, ideologias dominantes, etc.

A questão é que pensávamos que o nosso mundo globalizado na ciência e tecnologia, um mundo pós-moderno, considerado esclarecido e libertado de arcaísmos, isso ao menos nos centros vistos como «civilizados», não mais recorreria a mecanismos arcaicos na resolução de crises abrangentes, não mais se deixaria levar por esses mecanismos persecutórios. Estávamos redondamente enganados, e a imprensa nos é testemunha diária desse retorno constrangedor (e artificial) ao arcaico, não obstante perigoso, em que vemos pela televisão um tolo fantasiado de *viking*¹⁴ a assaltar e vilipendiar justamente as instituições e poderes que o protegem, para que ele possa continuar a viver, relativamente em paz e em segurança, como um tolo.

Tudo isso corrobora as reflexões de Girard sobre o carácter indiscutivelmente religioso de *todas* as crises sociais agudas¹⁵, quando estas,

¹³ Ver Passos, *Por Dentro da Pandemia*.

¹⁴ Aqui no Brasil, o exemplo poderia ser um tolo trajado de Cavaleiro Cruzado.

¹⁵ Ver René Girard, *A Violência e o Sagrado* (São Paulo: Paz e Terra, 1998); *Rematar Clausewitz – Além da Guerra* (São Paulo: É Realizações, 2011); *Aquele por quem o Escândalo Vem* (São Paulo: É Realizações, 2011).

extravasadas por entre segmentos variados de uma ou mais sociedades, começam a acumular, em seu centro, tensões e insatisfações outrora ainda marginais. Esse tipo de crise tende a contagiar todo um corpo social, precipitando-o à lógica das expulsões violentas, expulsões catárticas, fomentando a organização e ação das mentalidades persecutórias (e elas aparecerão!), caso vozes poderosas não ajam em sentido contrário. Todavia, hoje, isso ocorre em ambientes socioculturais laicizados e dependentes, em suas soluções técnicas, de procedimentos estritamente científicos. Isso nos coloca desafios ainda mais críticos, coloca-nos um paradoxo, pois o sagrado violento, embora ainda presente, atuante e sempre insidioso, não é mais uma solução viável na modernidade. Temos de reavaliar a presença permanente do religioso entre nós, porém, agora, *segundo os nossos parâmetros modernos*, o que nos conduz, inevitavelmente, creio, às teses da teoria mimética e ao humanismo dos evangelhos, o humanismo apocalíptico (revelador).

Semelhante ao que ocorre com um vírus ou bactéria, o contágio mimético também nos é invisível, já que não vemos a «coisa» entrando em nós, cegos que somos aos conteúdos que carrega, até que seja tarde demais. No momento em que sentimos/percebemos/identificamos os sintomas, já estamos contaminados. Isso nos dirige às duas formas fundamentais de gestão desse tipo de ameaça: *remediação* (prevenção) e a *reparação* (cura). Por razões óbvias, diante de uma ameaça desse tipo, tentamos, primeiramente, remediá-la e, só depois, se e quando possível, repará-la; todavia, como estamos vendo, é de veras difícil combater a ação infiltradora de agentes invisíveis altamente contagiosos, pois, quando deles nos damos conta, não há mais alternativa eficaz a ser adotada, a não ser o ingresso no tratamento-padrão, o qual será, em geral, pouco mais que uma segunda etapa no processo de remediação, seguida de tratamento e eventual medicação, configurando, em geral, um confinamento ou isolamento ainda mais agudo, cujo sentido primeiro é isolar o contágio. Isso nos coloca diante de uma resposta-padrão, quase uma lei social: quanto mais virulenta for a natureza de um contágio, e quanto mais distante um agrupamento humano qualquer estiver de encontrar a cura,

maior será a intensidade e abrangência das medidas preventivas, cujo alcance pode atingir, a depender da gravidade, toda a vida social. Perceba o leitor que se trata de medida absolutamente racional e historicamente consagrada, nada tendo a ver, em seu princípio mesmo, com supostos desatinos autoritários de agentes de saúde e demais autoridades públicas.

Em sua obra academicamente mais prestigiada e discutida, *A Violência e o Sagrado*, lançada em 1972, Girard inicia suas reflexões acerca do sacrifício, do sagrado e da religião, estes desencadeando-se, respectivamente, um do outro, fazendo referência à pluralidade de tabus e demais interdições nas sociedades arcaicas, estes comumente vistos como fetiches desmedidos e, aparentemente, irracionais. Girard os avalia, contudo, como meios absolutamente válidos, os únicos disponíveis nesse contexto totalmente dependente da remediação/prevenção, uma forma de combater o pior dos contágios, a mais séria das pestes e pragas humanas: a violência intergrupala. Segundo Girard, a *violência socialmente contagiosa* é a mais fundamental, universal e antiga «peste» a assolar as comunidades humanas, desde os primórdios. Ainda segundo o autor francês, o domínio da cultura, sua instituição pelo *sapiens*, não seria possível sem a instituição *primeira e fundadora* de um eficaz mecanismo interno de contenção da violência intergrupala, de viabilização da vida social em meio às rivalidades entre os homens, ainda que pela violência (uma violência sagrada), que Girard identifica como *Religião*, esta derivada de uma entidade sacralizada, a qual, por sua vez, advém de um linchamento bem-sucedido¹⁶.

Voltando ao nosso assunto, o francês inicia sua discussão, em *A Violência e o Sagrado*, fazendo uma avaliação dos motivos primeiros por trás da quantidade aparentemente absurda de tabus entre as comunidades arcaicas, refletindo sobre o seu sentido fundamental:

Se não existe, entre as sociedades primitivas, nos momentos em que o equilíbrio foi conturbado, um remédio definitivo ou uma cura

¹⁶ Girard, *A Violência e o Sagrado*.

infalível para a violência, podemos supor que as medidas *preventivas*, e não as *curativas*, aí ocupem um lugar de destaque. Assim reafirmamos a definição do sacrifício proposta acima, segundo a qual ele é um instrumento de prevenção na luta contra a violência.¹⁷

Na falta de uma cura permanente contra a violência intergrupual, algo que a debelasse de uma vez por todas, as sociedades humanas ou proto-humanas tiveram na Religião, em seu corolário estrutural (mitos, ritos e tabu), uma forma absolutamente eficiente de conter *contágios de violência*, e por meios fundamentalmente preventivos: dos tabus e interdições ao sacrifício, e vice-versa. Referimo-nos a ambientes mentais mantidos por doses altíssimas de controle social e rigidez comportamental, nos quais medidas preventivas, as mais chocantes para nós, são adotadas como formas potenciais de contenção da violência. Como não se sabe de onde poderá vir, potencialmente, o próximo surto mimético de violência, a próxima pequena, embora devastadora guerra civil, por assim dizer, o grupo precisa criar inúmeros artifícios de contenção. Tabus ligados ao sangue menstrual, aos gêmeos, entre tantos outros, só se tornam racionalmente compreensíveis ao vislumbrarmos, por trás deles, uma lógica ligada à preocupação primeira das comunidades humanas: a violência intestina e descontrolada que coloca em risco a existência do grupo. *Com efeito, podemos então dizer que «o domínio do preventivo é primordialmente o domínio do religioso»*¹⁸. Tal afirmação, uma vez transportada ao contexto atual, associado a uma pandemia virótica altamente contagiosa, ainda relativamente fora do alcance das medidas realmente imunizantes e curativas, não obstante, a adoção acelerada das primeiras vacinas, num grande esforço conjunto de imunização, permite-nos elucidar, creio, uma série de fenômenos sociais aparentemente irracionais, em que as pessoas parecem fazer uma escolha deliberada pelo caos, quando, na verdade, estão crescentemente desorientadas pelo religioso que

¹⁷ Girard, *A Violência e o Sagrado*, 30.

¹⁸ Girard, *A Violência e o Sagrado*, 34.

não mais compreendem, mas que ainda poderia auxiliá-las num campo outrora normatizador, mas que, no caso, não mais funciona a contento, um campo cuja racionalidade, embora arcaica, guarda, não poucas vezes, certa sabedoria constitutiva. O religioso (leia-se: o domínio do preventivo) volta a se impor em nossa crise pandêmica, revivendo, no humano, o drama imemorial do terror primitivo, em que a vida parece estar permanentemente por um triz. Nesse caso, o dedo da ciência está apontado para o mesmo lugar que o dedo da religião: «Previnam-se!»

7. O Plantio

Não é de hoje que determinadas autoridades políticas, quando em defesa de certos interesses que lhes são prioritários, em geral, interesses eleitorais, minimizam a periculosidade de uma pandemia, a fim de evitar a emergência de pânico social e outras perdas, no que passa a ser avaliado como atitude prejudicial ao bom andamento desses interesses. Um caso clássico e absolutamente ilustrativo desse tipo de reação, por parte das autoridades públicas em acerto com a imprensa, deu-se com a chamada Gripe Espanhola, *Influenza*, em cujo ápice contagioso, entre 1918 e 1919, morreram dezenas de milhões de pessoas. O próprio nome da doença, Gripe Espanhola, assim popularizado, identifica seu suposto território propagador, sua origem suposta, mas que não se deu em Espanha, refletindo, aliás, a forte censura a que foram submetidas, na época, certas nações frente a fatalidade e alastramento da doença, principalmente as nações envolvidas na Primeira Guerra Mundial. Os esforços de guerra exigiam, assim pensavam os líderes políticos, um silêncio tácito sobre a real gravidade pandêmica. Estando a Espanha fora dessa guerra, a imprensa desse país, diferentemente da imprensa francesa, britânica e norte-americana, divulgou com mais clareza o estado emergencial da pandemia em Espanha, donde a associação posterior. O nível de censura governamental foi tão escandaloso que o então presidente dos Estados Unidos da América, Woodrow Wilson (1856-1924), ao contrair a gripe, durante as negociações que antecederam o Tratado de Versalhes, em 1919, não só proibiu que a imprensa revelasse que estivera infectado,

como nunca falou, publicamente, sobre a pandemia. Mesmo que, segundo estimativas atuais, tenham morrido algo em torno de seiscentos a setecentos mil norte-americanos de Gripe Espanhola¹⁹. Portanto, parte do negacionismo manifestado em alguns líderes demagogos, durante a fase inicial desta pandemia, ecoa alguns antecedentes históricos bem conhecidos.

Todavia, diferentemente do contexto da Gripe Espanhola, historicamente vinculado à I Guerra Mundial e seus interesses, a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 não foi submetida, de modo sistemático, a uma ampla censura, e nem mesmo houve carência prolongada de informação a seu respeito; exceto, talvez, em seus momentos iniciais, na China, e mesmo assim por pouco tempo. Pelo contrário, o que houve, desde o início, foi um transbordamento inédito de posicionamentos divergentes sobre qual seria a melhor condução médica e governamental frente a nova pandemia. De repente, as autoridades médicas, os organismos internacionais de saúde, agências reguladoras e demais instituições científicas, viram-se confrontados, em seu campo *preventivo*, por vezes alheias ao universo propriamente médico, mas que passaram a disputar-lhes a autoridade científica, sobre quais seriam os meios mais eficazes de prevenção e tratamento, uma vez que o acesso a opiniões e visões de especialistas dissidentes, um acesso hoje praticamente imediato via telefonia celular e mídias sociais virtuais, alastrou-se rapidamente, quase tão rapidamente quanto o próprio vírus.

Perceba o leitor como nesse campo das medidas preventivas, hoje oficialmente administrado por uma classe de especialistas, a classe médica e farmacêutica, o científico e o religioso se fundem de modo muitas vezes indissolúvel. Como estamos vendo, a adoção sistemática de métodos preventivos – frente ameaças ainda invencíveis – é praticamente atávica no ser humano, e remonta, de fato, às nossas origens sociais. Igualmente, a ciência médica de hoje sabe que – frente a uma doença ainda

¹⁹ John M. Barry, *The Great Influenza – The Story of the Deadliest Pandemic in History* (Nova York: Penguin Books, 2018).

não completamente imunizável – o melhor que pode fazer, na contenção de contágios potencialmente desastrosos, é pensar o desenvolvimento de procedimentos e técnicas superiores de prevenção. No caso, fica absolutamente claro que o religioso e o científico estão apontando na mesma direção, a saber, na direção da Razão, ainda que em posse de ferramentas analíticas e técnicas distintas.

Esta perspectiva está baseada em surpreendentes coincidências entre certas precauções científicas e certas precauções rituais. Há sociedades nas quais algumas doenças, a varíola, por exemplo, têm seu deus particular. Durante todo o período da doença, os doentes são consagrados a esse deus, isolados da comunidade e confiados à guarda de um iniciado, ou, se quisermos, de um sacerdote do deus, ou seja, de um homem que, tendo contraído outrora a doença, sobreviveu a ela. A partir de então esse homem participa do poder do deus, encontrando-se imunizado contra o poder de sua violência.²⁰

Isso nos ajuda a entender, creio, que tanto o negacionismo, num primeiro momento, «isso é uma gripezinha», quanto o desrespeito sistemático às medidas preventivas (isolamento social, uso de máscaras, higienização, etc.), num segundo, exprimem, ambos, uma reação não exatamente irracional, uma vez que racionalmente articulada, mas sim, e evidentemente, vingativa e autodestrutiva, isto é, comprometida com a destruição de certos fundamentos sociais universais. Portanto, trata-se, em princípio, de sabotagem cultural em sentido amplo. Assim sendo, em que medida esse negacionismo politicamente articulado não exprime, em seus extremos raivosos, uma guerra contra a Civilização? De uma fase inicial, em que se negava, jocosamente, a gravidade e mesmo a existência da virose, para a segunda, em que se passou a desafiar, ostensivamente, os modelos preventivos adotados, até chegar, agora, numa terceira, em que a vacinação coletiva é vista como procedimento invasivo e perigoso,

²⁰ Girard, *A Violência e o Sagrado*, 43.

temos fases circunstanciais de um planejamento comum: minar o campo da Razão, desacreditar seus principais agentes e, finalmente, desconfiar dos procedimentos de cura e imunização, colocando-os em estado permanente de suspeita, para, ao mesmo tempo, atacar o seu centro nervoso: a inteligência comum e *solidária*, uma inteligência que se articula mundialmente, uma inteligência agregadora, portanto salvífica, ligada a métodos e esforços preventivos, culturalmente compartilhados, uma inteligência fundamental e formativa, patrimônio universal, uma vez que presente tanto no religioso quanto no científico.

Com efeito, temos forças ideologicamente comprometidas numa guerra contra a prevenção, um movimento que ultrapassa, em muito, o combate ao vírus (não nos esqueçamos de que o então presidente norte-americano resolveu, após um primeiro momento negacionista, adotar a metáfora da «guerra contra um inimigo invisível», politizando a doença, reorientando-se prontamente do blefe da gripezinha, tão logo percebeu a inevitabilidade de um agravamento na crise virótica, sua inegável periculosidade, mas, ainda assim, deixando em aberto a sugestão de outro e mais grave «culpado invisível», o inimigo político). Na sequência, e de modo abrupto e inconsequente, esses negacionistas da primeira hora começaram então a se autointitular conhecedores de tratamentos absolutamente eficazes, quando aplicados nas fases iniciais da doença, como se a cura – negada pela ciência – já estivesse ao alcance de todos, gerando desconfiança e relaxamento entre a população civil. Esse tipo de desinformação foi especialmente grave aqui no Brasil. O que temos, então? Num primeiro momento, negação; num segundo, panaceia. O nexo entre ambos é uma guerra cultural contra a Ciência, contra seus expoentes, contra a própria Civilização, do modo como hoje se apresentam. Essa é a sua lógica de fundo: uma revolta eloquente contra a história recente do mundo, um desejo de reconquistar velhos e «preciosos» preconceitos, à revelia do que já se sabe; enfim, uma saudade imperecível pelo retorno triunfante do sagrado violento, sua simbologia, instituições e mitos fundadores. Sim, querem voltar a ser *vikings*, absolutamente libertos de constrangimentos civilizacionais.

Essa passagem indiscutivelmente abrupta de um modo para o outro, esquizofrênica e carregada de narrativas paranoicas, provenientes de longas estadas nos campos das teorias conspiratórias, estabelece um agravamento dos elementos persecutórios das coletividades envolvidas, fomentando crises institucionais. Todavia, esse esforço de sabotagem pode também, à revelia de seus perpetradores, repercutir positivamente, à medida que o campo solidário, comprometido com a prevenção, comprometido com os mais vulneráveis, conectado à inteligência salvífica, responda prontamente às investidas de cunho utilitarista-economista-fatalista, redobrando assim os trabalhos assistenciais, preventivos e imunizadores, esclarecendo as massas e desenvolvendo procedimentos médicos e tratamentos.

Por outro lado, inseridas num contexto prodigiosamente *mimético* de redes virtuais de informação, essas vozes pelas quais articulam-se agrupamentos políticos radicais, detentores de agendas muito próprias, passaram a fomentar antagonismos crescentes em relação às determinações médicas das organizações internacionais de auxílio, e fizeram-no sob a égide, por eles difundida, de uma «guerra contra a globalização» e seus agentes internacionais, estes vistos como orquestradores de conspirações globais de cunho totalitário. Nesse ambiente mental paranoico, a virose passou a ser interpretada, por esses grupos, como experimento, em escala mundial, de políticas públicas totalitárias, em que se experimentariam práticas de condicionamento em massa, orquestradas por engenheiros sociais maléficos, os quais aguardariam as reações das cobaias humanas na consideração de futuras investidas, tudo isso manipulado por uma perversa elite megacapitalista/comunista transnacional, provisoriamente unificada em seu objetivo comum de domínio sobre as massas, supressão das liberdades democráticas e das soberanias nacionais.

Esse pacote conspiratório, em que se agregam teses ultra abrangentes, absolutamente complexas, porém de baixíssimo grau comprobatório, é então propagado massiva e resumidamente nas mídias sociais, como se se tratasse de realidade evidente, de fato inequívoca. Os não alinhados a essas teorias conspiratórias passam então a ser vistos (e tratados) como

partícipes voluntários ou involuntários desse maquinário tecnocrata de domínio, ideologicamente associado às vertentes neomarxistas e demais movimentos socialistas e pagãos. A propagação insistente dessa narrativa é muitíssimo mais importante do que um suposto combate à pandemia, agora mero subterfúgio para perpetrar e disseminar uma nova «guerra cultural». É essa a motivação central a subentender todas as ações, discursos e provocações dos grupos sabotadores. Não que se trate de uma novidade na história do pensamento, e as décadas das Guerras Mundiais seguidas pela Guerra Fria deveriam nos ter ensinado a contemporizar, cuidadosamente, os excessos retóricos e imaginários dos setores radicais à direita e à esquerda, sempre ciosos por derrubar – por inteiro – a Civilização, reconstruindo-a à sua imagem idealizada ou utópica, inevitavelmente pavorosa, uma vez historicamente concretizada.

8. O Sagrado Violento em Terreno Infértil

Uma vez capturados na mentalidade fundante do religioso arcaico, indubitavelmente inclinada aos processos de purificação e expurgos em série, esses movimentos tendem a ser virulentamente contagiosos, pois, na completa ausência de incentivo autocrítico em seu interior, sustentam-se tão somente na força grupal do consenso vitimário, intersubjetivamente estabelecido, o que vale dizer que se estruturam na polarização e unanimidade criadas em torno de ídolos, em processo análogo à formação do religioso arcaico.

Todavia, ainda que se tenha, em sua base, um processo análogo, os resultados não o são, e nem mesmo poderiam ser, uma vez que o mundo moderno, em parte humanista, democrático e pluralista em muitas de suas instituições, herdeiro dileto da revelação cristã e, portanto, parcial ou mesmo completamente consciente dos ardis do sagrado violento, não mais polariza o suficiente para criar, mesmo após expurgos violentos, modelos completamente sacralizados, os quais seriam divinizados e longamente cultuados. Nada disso se completa na modernidade. Quando se tenta, como nos casos historicamente recentes do holocausto e holodomor, dois crimes contra a humanidade, o expurgo, a matança, se

interrompem no *crime*, a saber, não ultrapassam a latente injustiça do ato, que terá então de ser encoberto, esquizofrenicamente negado, exatamente porque se percebe, e desde o interior do grupo fanatizado, que se esteve a cometer um crime, mesmo que sob fortíssimas pressões ideológicas: «se os nazistas realmente acreditassem na malignidade essencial do “Der Jude”, não teriam se preocupado em esconder, ao máximo, a medida política chamada de solução final. Eles esconderam o mais que puderam esses crimes, porque, no fundo, sabiam que cometiam crimes»²¹.

Isso nos remete, uma vez mais, a pontos significativos em nosso argumento, absolutamente centrais à teoria mimética: ao abolir a função *preventiva e provisória* do sacrifício, o cristianismo retirou da humanidade o recurso *efetivo* ao bode expiatório, embora essa eliminação não tenha se traduzido em abstinência sacrificial universal, infelizmente. O que temos como resultado é um mundo fraccionado, o ambíguo mundo moderno, que, não podendo mais valer-se de bodes expiatórios para solucionar suas crises, continua, não obstante, a lhes recorrer empréstimos constantes. O resultado é uma crise sem-fim, seu aprofundamento ano a ano, seu alastramento sobre os mais variados segmentos e atividades.

Conclusão

O fortíssimo sistema concorrencial, hoje, mundialmente consolidado entre empresas, países, setores produtivos e, sobretudo, entre as pessoas, só tende a agravar, penso, um quadro humano deveras crítico. O filósofo da ciência Jean-Pierre Dupuy questiona este nosso mundo pós-desastres ambientais, políticos e médicos com uma interrogação inadiável: «deve também a ciência ser uma arma na concorrência feroz que os povos travam em escala planetária?»²². E não nos esqueçamos de que – no caso atualíssimo da distribuição de vacinas – as nações ricas já garantiram um belíssimo excedente para si mesmas, deixando as nações pobres,

²¹ Maurício G. Righi, *Sou o Primeiro e o Último – Estudo em Teoria Mimética e Apocalipse* (São Paulo: É Realizações, 2019), 417.

²² Jean-Pierre Dupuy, *Retorno de Chernobyl – Diário de um Homem Irado* (São Paulo: É Realizações, 2020), 41.

como sempre, com as mãos estendidas, a face suplicante e o corpo doente. A senhora Ursula von der Leyen, atual presidente da Comissão Europeia, não poderia ter sido mais enfática: «but, it also means business», esclarecendo à periferia do mundo que, afinal de contas, antes de salvar, é imperioso garantir os lucros e retornos aos investidores. Até quando insistiremos nessa ignomínia? Portanto, por baixo das mais disparatadas teorias conspiratórias, há sim arranjos bem reais, notavelmente espúrios, entre elites e megacorporações político-econômicas, pois temos, hoje, a implantação definitiva de modelos concorrenciais em todos os setores da vida, esmagando, obliterando e suprimindo qualquer esforço consciente para que as instituições «voltem-se reflexivamente sobre si mesmas»²³.

Essa presença absoluta de um incorrigível sistema concorrencial condiciona modos de vida envolvidos em competições infundáveis, cujo desdobramento fatal é a concentração de poder e capital em alguns núcleos (político-econômicos) altamente poderosos. Isso vem enfraquecendo e mesmo destruindo, sistematicamente, os mais diversos polos tradicionais de cultura, impondo-lhes homogeneizações absurdas, retirando-lhes a criatividade, e assim debilitando os processos de iniciativa popular e prováveis soluções criativas para geração de renda e adaptação aos novos tempos.

Essa realidade concorrencial, massificadora e artificialmente consumista produzirá, mais cedo ou mais tarde, a depender dos níveis ainda disponíveis, refluxos sacrificiais colossais, e nos referimos às crescentes crises de insatisfação popular, cujos escândalos internos, cujas rivalidades/sabotagens internas, agravados por sentimentos crescentes de alienação e marginalização, tendem a se unificar, a serem unificadas, contra o que identificarem como «sistema». O débil ainda que assustador assalto de trumpistas enfurecidos ao Capitólio deveria ser um lembrete permanente desse processo de marginalização, de ignorância e obscurantismo represados, o qual precisa ser urgentemente revertido e diligentemente

²³ Dupuy, *Retorno de Chernobyl*, 42.

tratado, caso contrário, essas pessoas continuarão a ser usadas, e pelos piores tipos, como ferramentas de assalto à sociedade civil.

Quando falamos de bodes expiatórios eleitos, falamos ao mesmo tempo, e de modo incontornável, de divindades eleitas. O código interno do sacrifício é sempre religioso, invariavelmente um constructo do sagrado violento, mesmo que seu contexto seja laico. O universo político, uma vez cativo emocional e simbólico desse código, expressará escolhas, justificativas e ações, segundo os parâmetros dessa linguagem; na prática, isso significa uma arena política progressivamente intolerante, radical e ardilosa, completamente fechada nos dogmas de seus contendores, refém de narrativas e palavras de ordem forjadas na idolatria. Num quadro desse, a ciência e o direito, assim como qualquer outra instituição humana, podem facilmente ser atacados em sua autonomia, feitos prisioneiros de políticas sórdidas e lançados no cativo de propósitos os mais disparatados. A Civilização mesma passa a correr sérios riscos. Precisamos discutir modelos que apontem para esferas mais altas. Quais são eles? Creio que o atual bispo de Roma, Francisco, tenha nos oferecido algumas dicas significativas, as quais devemos relembrar.

Bibliografia

- Alison, James. *O Pecado Original à Luz da Ressurreição: A Alegria de Descobrir-se Equivocado*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- Barry, John M. *The Great Influenza – The Story of the Deadliest Pandemic in History*. Nova York: Penguin Books, 2018.
- Dupuy, Jean-Pierre. «Lettre à André-Comte Sponville.» In *Journal de Pensée d'un Confiné. Réflexions sur la vie et la mort*. Paris: maio de 2020.
- Dupuy, Jean-Pierre. *Retorno de Chernobyl – Diário de um Homem Irado*. São Paulo: É Realizações, 2020.
- Dupuy, Jean-Pierre. *O Tempo das Catástrofes – Quando o Impossível é uma Certeza*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- Girard, René. *Aquele por quem o Escândalo Vem*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- Girard, René. *Quando Começarem a Acontecer as Coisas*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- Girard, René. *Rematar Clausewitz – Além da Guerra*. São Paulo: É Realizações, 2011.

- Girard, René. *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- Girard, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- Hamerton-Kelly, Robert G. (org.). *Política & Apocalipse: Estudos em Violência, Mimese e Cultura*. São Paulo: É Realizações, 2019.
- Hamerton-Kelly, Robert G. (org.). *Violência Sagrada: Paulo e a Hermenêutica da Cruz*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- Papa Francisco. *Carta Encíclica «Laudato Si' – Louvado Sejas»*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2015.
- Papa Francisco. *Carta Encíclica «Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social»*. São Paulo: Paulus, 2020.
- Passos, João Décio. *Por Dentro da Pandemia: Deus e Nossas Dores*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- Righi, Maurício G. *Sou o Primeiro e o Último – Estudo em Teoria Mimética e Apocalipse*. São Paulo: É Realizações, 2019.
- Scruton, Roger. *Filosofia Verde – Como Pensar Seriadamente o Planeta*. São Paulo: É Realizações, 2016.

Artigo submetido a 02.02.2021 e aprovado a 30.11.2021.

